

Do espiritococus à fábrica de loucos: o Espiritismo sob a retórica da aniquilação na imprensa católica cearense.

The espiritococus the factory crazy : Spiritualism under the rhetoric of annihilation in the Catholic press Ceará.

Marcos José Diniz Silva*

Resumo: O artigo se propõe a analisar o caráter das condenações ao Espiritismo, veiculadas pela imprensa católica no Ceará das primeiras décadas do século XX, tomando como referencial a “retórica da aniquilação”, inspirada por sua vez na teoria da “estratégia da aniquilação”, presente em ambientes competitivos e conflituosos, através da qual instâncias dominantes, detentoras de poder de definição social, voltam-se contra ideias e grupos portadores de possíveis ameaças, atribuindo-lhes definições desqualificadoras. Nesse sentido, a Igreja Católica por meio da imprensa volta-se ao Espiritismo exagerando seletivamente seus aspectos definidores e imputando-lhe caracteres socialmente negativos.

Palavras-chave: Catolicismo. Espiritismo. Imprensa.

Abstract: The article aims to analyze the character of convictions to Spiritualism, carried by the Catholic press in Ceará the first decades of the twentieth century , taking as reference the "rhetoric of annihilation" , inspired by his time in the theory of "strategy of annihilation" , this in competitive and conflicting environments , through which dominant instances , power packages social setting , they turn upon ideas and those of potential threats groups by assigning them desqualificadoras settings. In this sense, the Catholic Church through the press back to the Spiritualism selectively exaggerating its defining aspects and charging him socially negative characters.

Keywords: Catholicism. Spiritism. Press.

1. Introdução

As primeiras décadas do século XX apresentaram-se como tempo de acirrada competição religiosa no Brasil. Embora já na segunda metade do século XIX

* Prof. Dr. do Curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (Campus Quixadá), da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: marcos.diniz@uece.br

tenha-se dado uma presença mais ostensiva dos grupos protestantes e a entrada das ideias espíritas, foi com o advento do regime republicano e a conseqüente secularização do Estado estabelecendo a liberdade e igualdade religiosas, que as disputas religiosas se ampliaram no espaço público.

Nessas primeiras décadas da República podem ser destacadas as relações de oposição entre a Igreja Católica e adeptos do Espiritismo, do positivismo, da Maçonaria, do protestantismo e das práticas religiosas de origem afro-brasileiras. Tal atitude oposicionista católica aos demais segmentos religiosos é parte do contexto de sua romanização, bem como manifestação intelectual ou canônica de seu processo de “rearmamento institucional” (MICELI, 1988), após a separação do Estado.

Nesse estudo, procura-se analisar essa reação da religião dominante desvendando os recursos estratégicos de combate e aniquilação de alternativas religiosas emergentes por esse grupo dominante, no empenho da conservação de seu “universo simbólico”. Examina-se, aqui, as condições de operacionalização da chamada “retórica da aniquilação” (USARSKI, 2001), por sua vez inspirada na denominada estratégia de aniquilação desenvolvida por Berger & Luckmann (2005, p. 155), quando discutem esse elemento retórico nos ambientes contraditórios, competitivos ou conflituosos em que grupos ou partidos sentem necessidade de defenderem seu “universo simbólico” diante de dada alternativa. Para sua eficácia, a aniquilação prescinde de uma instância (dominante) detentora de um poder de definição. Para esses autores, neutraliza-se essa ameaça às definições sociais estabelecidas através da atribuição de um status cognoscitivo desqualificado (eliminação do “outro” enquanto Saber) e de um status ontológico inferior (negação do “outro” enquanto Ser) às definições alternativas (grupos concorrentes). Usarski (2001, p. 92), por sua vez, empreende questionamento sobre quais mecanismos se processariam histórica e socialmente essas operações de aniquilação, concluindo por sugerir dois caminhos respectivos para sua efetivação: “o exagero seletivo de certos aspectos do fenômeno desafiador e a transferência a tal fenômeno de definições socialmente negativas.”

Na realidade proposta para essa análise colocavam-se, naquele início de século XX, de um lado, a Igreja Católica, religião dominante e detentora de imenso poder de definição social, e, de outro lado, o Espiritismo, movimento religioso com número restrito de praticantes no Brasil, porém com inserção considerável como

doutrina nos meios letrados, intelectuais e políticos, popularizando-se por suas práticas assistencial caritativo-mediúnicas atraindo as populações adeptas dos cultos mediúnicos afro-brasileiros. (Cf. GIUMBELLI, 1997; ORTIZ, 1999; ISAIA, 2007)

Desse modo, exercita-se aqui a aplicação desse referencial no entendimento da ação católica de combate ao Espiritismo no Ceará das primeiras décadas do século XX. Dispensável, portanto, justificar a ausência da participação espírita – que foi ativa – na defesa de seus postulados frente aos insistentes e muitas vezes virulentos ataques daquele grupo religioso majoritário. (Cf. SILVA, 2009; 2011). Porém, uma breve apresentação sobre a disseminação do movimento espírita no Brasil e os modos de sua chegada ao Ceará, constituirá elemento de proveito à compreensão da análise pretendida.

2. A emergência do Espiritismo e sua difusão no Brasil

Denomina-se Espiritismo a doutrina espiritualista divulgada nos trabalhos publicados pelo francês Hippolyte Leon Denizard Rivail (1804-1869), sob o pseudônimo de Allan Kardec. Inaugura-se essa doutrina com a obra *O Livro dos Espíritos*, publicado em Paris, em 1857. Segundo Allan Kardec: “O Espiritismo é a ciência que cuida da natureza, origem e destino dos Espíritos, tanto quanto de suas relações com o mundo corporal”. (KARDEC, 1985, p. 259). E desse modo, o Espiritismo se apresenta como estruturado num tríplice aspecto: *ciência* do mundo espiritual, da qual deriva uma *filosofia* espiritualista de consequências morais (*religião*).

Costumam informar os estudiosos do Espiritismo, que os “fenômenos espíritas” são de todos os tempos e povos, desde que são inerentes à condição de espíritos encarnados, que seríamos toda a Humanidade. Mas, o Espiritismo como doutrina, com seu tríplice aspecto (ciência, filosofia e moral evangélica), é resultante de um acontecimento moderno que tem nos episódios mediúnicos de Hydesville (1848) e na proliferação das chamadas “mesas girantes”, seu movimento precursor; que levariam às investigações de professor Rivail, até a publicação de *O Livro dos Espíritos*, como momento fundador. (Cf. CASTELLAN, 1955; DOYLE, 2005; WANTUIL, 1994; SILVA, 1997).

Hippolyte Rivail, discípulo de Pestalozzi, estudioso do magnetismo, do sonambulismo, adepto do evolucionismo e versado nos pressupostos científicos do positivismo era inicialmente cético em relação aos fenômenos das mesas giratórias magnetizadas. Informa que em 1854 cederia a insistentes chamados de amigos para observar aquelas novidades, que fora com intenção de apenas ampliar seus conhecimentos. Então, concluíra de suas observações pela presença de “manifestações inteligentes” (espíritos de pessoas já falecidas), com objetivo de comunicar algo útil, através fenômenos físicos que causavam sensação nos meios fúteis dos salões parisienses.

Medina (2006, p. 4-5), examinando a formação do pensamento de Hippolyte Rivail e suas manifestações no trabalho de codificação do Espiritismo, vai além das tradicionais referências às experiências pedagógicas de Rivail junto a Pestalozzi, acrescentando elementos do universo cultural europeu e francês no qual Rivail transitava. A autora lembra a emergência de um “movimento neocéltico” – parte do romantismo que envolveu a França do século XIX – que teria possibilitado a diversos intelectuais um mergulho no universo simbólico da religião dos Druidas. Destaca, também, que as concepções de livre-arbítrio e reencarnação, oriundas da teoria druídica da migração das almas, que Allan Kardec - pseudônimo oriundo de encarnação que tivera como sacerdote Druida - teria incorporado na formulação doutrinária espírita.

O lançamento de *O Livro dos Espíritos*, em Paris, em 1857, embora tendo como subtítulo a expressão “Filosofia Espiritualista”, trazia consigo uma proposição nova em termos de crença, à medida que procurava conciliar a fé com a razão, religião e ciência, Revelação e a experimentação; de tal modo que a religião se depurasse das superstições do sobrenatural pela demonstração das leis naturais, e a que ciência se afastasse do materialismo.

Considerado por Allan Kardec parte integrante da grande corrente espiritualista, o Espiritismo procurava distinguir-se, por um lado, do espiritualismo tradicional, que pregava a existência da vida além da morte sem demonstrar essa realidade; por outro lado, do moderno espiritualismo ocidental que, embora tendo como central a fenomenologia mediúmica, tinha em suas origens fortes conotações místicas e um desenvolvimento não sistemático.

A opção de Kardec por criar os neologismos Espiritismo e Espírita, consistiu numa clara demarcação da nova doutrina com relação aos demais ramos espiritualistas, sobretudo por sua insistência no caráter científico (racional-experimentalista) e exotérico que os ensinamentos espíritas propunham. Para o codificador da nova doutrina, “O Espiritismo é a ciência que cuida da natureza, origem e destino dos Espíritos, tanto quanto de suas relações com o mundo corporal”. (KARDEC, 1985, p. 259). Portanto, na elaboração doutrinária espírita não houve espaço para a intervenção de personalidades individuais com missões proféticas no caráter das manifestações mediúnicas, nem ramificações do orientalismo na reedição dos ensinamentos reencarnacionistas. Allan Kardec insistiu na crítica à tese oriental da reencarnação, denominada metempsicose (transmigração da alma através de corpo de animal), como ao sistema de castas. (Cf. *O Livro dos Espíritos*, Questões nº 118, 612 e 806). Ou seja, como esclarece Amorim (1992, p. 33):

Sob o ponto de vista fenomenológico ou experimental, o Espiritismo tem relações com o Moderno Espiritualismo ocidental, uma vez que o elemento primordial desse movimento foi o fato mediúnico. Do mesmo modo o Espiritismo tem vínculos com as correntes espiritualistas do Oriente, sob o ponto de vista da reencarnação; sob o ponto de vista histórico, entretanto, nem mesmo com as escolas e doutrinas reencarnacionistas a codificação do Espiritismo tem liames diretos.

J. Herculano Pires, em nota introdutória à História do Espiritismo, de Conan Doyle, esclarece as diferenças entre essas tradições espiritualistas:

É bastante conhecida a divergência entre o que se convencionou chamar o Espiritismo latino e o anglo-saxão. Essa divergência se verificou em torno de um ponto essencial: a doutrina da reencarnação. Os anglo-saxões, particularmente os ingleses e americanos, aceitaram a revelação espírita com uma restrição, não admitindo o princípio reencarnacionista. Por muito tempo esse fato serviu de motivo a ataques e críticas ao Espiritismo, o que não impediu que o movimento seguisse naturalmente o seu curso. (Apud DOYLE, 2005, p. 11).

No Brasil, a chegada das ideias propriamente espíritas é precedida pela popularização dos fenômenos das mesas girantes e do magnetismo ou, como este era mais conhecido: o mesmerismo. No primeiro caso, a popularização veio à medida que a imprensa brasileira dava eco desse movimento na América do Norte e na Europa, como se vê numa correspondência de Berlim publicada no *Jornal do Comércio*:

Não há neste momento uma reunião em Alemanha na qual não se fale da nova importação americana - *the moving table* -, e não se

experimente mais de uma vez o fenômeno. (JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro-RJ, 14 jun. 1853. Apud MACHADO, 1997, p. 47).

Contudo, logo se desenvolveram explicações para o fenômeno, tanto científicas, quanto religiosas. Tratava-se de puro magnetismo animal. “Mesmer ainda mantinha o monopólio do maravilhoso. Um magnetizador, então em grande voga na Corte, um tal Dr. Cesário, explicava o movimento da ‘mesa movediça ou rotatória’, pela ‘ciência do grande Mesmer’.” (MACHADO, 1997, p. 49). Sucedem-se as notícias sobre experiências e especialistas em magnetização, até sua aplicação na cura de doenças. Noutra vertente, desenvolve-se a crítica às práticas magnetizadoras consideradas como nova magia, bruxaria. Curiosamente, também essa leitura do magnetismo seria vista como positiva. Estabelecia-se uma peleja em que se defrontavam duas forças mágicas, a mandinga africana *versus* magnetismo (“mandinga à europeia”). A elite branca que recorria, às ocultas, ao feitiço afro-brasileiro, aderiu também à terapêutica europeia antimandinga.

É nesse ambiente do Brasil oitocentista que respirava os ares da modernidade europeia positivista e cientificista, que desembarcam as ideias espíritas no decorrer de 1860, no Rio de Janeiro, através da colônia francesa, com destaque para o educador Casimir Lieutaud, que publica a primeira obra espírita, *Les temps sont arrivés*. Daí se difunde nas sessões frequentadas por membros das classes altas e intelectualizadas.

Mas é na província da Bahia que se funda, em 1865, o Grupo Familiar de Espiritismo, primeiro centro espírita brasileiro, sob a direção do professor e jornalista Luís Olímpio Teles de Menezes. Em 1865, publica, também na Bahia, uma tradução sua da “Introdução” de *O Livro dos Espíritos*, por ele intitulada “Filosofia espiritualista: o espiritismo”; e, em 1869, passa a editar o primeiro jornal espírita brasileiro: *O Echo D’Além-Túmulo d’o Spiritismo no Brazil*. No mês de novembro do mesmo ano, os espíritas baianos apareciam na *Revista Espírita*, de Allan Kardec, com o título “Espiritismo no Brasil. Extraído do Diário da Bahia”. Kardec noticiava a publicação de um artigo francês condenatório ao Espiritismo, reproduzido no jornal baiano, que tivera a réplica dos espíritas baianos liderados por Luís Olímpio.

Recém-chegado como mais uma novidade francesa, o Espiritismo representava-se como a aurora da fé racional, embasada cientificamente no experimentalismo, com forte acento positivista. Aparece como uma alternativa, na

maré cientificista, à religião tradicional, tida por esses adeptos como “exterior”, “dogmática”, “supersticiosa”, assim como um antídoto ao emergente materialismo.

Inicia-se, assim, uma fase que se estenderá até a proclamação da República, correspondendo a um momento de euforia nos meios letrados e intelectuais, sobretudo na Corte e nas grandes cidades brasileiras, em que a difusão do Espiritismo restringiu-se mais às experimentações, grupos de estudo e oração, em parte pelo seu caráter literário e em língua estrangeira, alcançando sobretudo profissionais liberais, militares, funcionários públicos.

Também encontrará o Espiritismo grande afinidade e apoio na Maçonaria.¹ Pelo menos duas condições contribuíram para essa aproximação: primeiro, o fato de o Espiritismo, ao chegar ao Brasil, ter encontrado severa oposição do catolicismo à medida que trazia consigo uma alternativa espiritualista ao modelo dominante no campo religioso.

Na agitação intelectual da Corte - vide também pauta abolicionista e republicana-, grandes nomes da política nacional que eram maçons, aderiram ao Espiritismo, como Quintino Bocaiúva, Saldanha Marinho, Bittencourt Sampaio. Em segundo lugar, pela proposição espírita de uma fé racional, sua visão evolucionista, suas bases positivistas e oposição fundamental ao materialismo. Tais características doutrinárias do produziam adesões nos meios maçônicos, impregnados de liberalismo, onde se difundia o livre-pensamento e a liberdade de crença, por sua vez, sob o domínio e proteção do Grande Arquiteto do Universo (G. A. D. U.).²

Seguem-se a formação de grupos espíritas, como a Sociedade de Estudos Espíritas - Grupo Confúcio, de 1873, no Rio de Janeiro, com expressiva participação de membros das classes média e alta. De uma dissidência desse grupo, formou-se a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade (1876). Depois, esta passaria a chamar-se Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (1879). Mais tarde surgiriam a Sociedade Espírita Fraternidade (1880) e o Grupo de Estudos Evangélicos (1880), conhecido como Grupo dos Humildes, depois transformado em Grupo Ismael.

¹Numa definição maçônica: É uma “Instituição educativa, filantrópica e filosófica que tem por objetivos os aperfeiçoamentos morais, sociais e intelectuais do Homem por meio do culto inflexível do Dever, da prática desinteressada da Beneficência e da investigação constata da verdade”. (CASTELLANI, 2007, p.11)

² Para melhor percepção da ampla rede de pensamento em confronto com o catolicismo nos meios políticos e intelectuais, entre finais do século XIX e princípios do século XX, na Europa Latina, América Latina e no Brasil, em que se inseriam espíritas e maçons, ver Bastian (2004); Silva (2012).

O movimento parecia dividir-se diante da questão dos aspectos científico e religioso (Kardec havia falado de consequência moral) do Espiritismo. Embora a polarização nas interpretações entre os chamados “científicos” e “místicos” (Cf. DAMAZIO, 1994) tenha tido sua relevância inicial, não se deve tomá-la como condição definidora do modelo espírita brasileiro. Ou seja, que desse confronto, e mais coerente com uma tendência místico-religiosa do brasileiro, teríamos como resultado um Espiritismo religioso.

Pondera Giumbelli (1997, p. 66-67), que não havia uma linha demarcatória tão nítida entre “religiosos”, “místicos” ou “evangélicos” de um lado e, “científicos” e “intelectuais”, de outro; considerando diversos nomes de relevo, que foram classificados como membros de um dos dois lados pela literatura acadêmica ou espírita, que participavam de atividades na Federação Espírita Brasileira (FEB), fundada em 1884. Para esse autor, é preciso considerar naquele contexto o que entendiam por ciência e por religião. Referendados em Allan kardec, entendiam que “o ‘espiritismo’ representaria uma alternativa de conciliação e de síntese, proposta como a refutação experimental dos ‘absurdos religiosos’ sem os erros materialistas da ‘ciência’.” (GIUMBELLI, 1997, p. 69).

A fundação da Federação Espírita Brasileira (FEB), em 1884, dá-se a partir da iniciativa de um grupo ligado ao fotógrafo Augusto Elias da Silva, proprietário do jornal *Reformador*, quinzenário que destinava uma coluna ao Espiritismo, tendo como seu primeiro presidente Ewerton Quadros. A FEB passa, então, a editar o *Reformador* como seu órgão oficial.

Com o advento da República, apesar da liberdade religiosa e de crença da Constituição de 1891, instaura-se uma normalização jurídica que coloca as práticas espíritas em situação de ilegalidade. O Código Penal (1890) criminaliza o Espiritismo, em seus artigos 156, 157 e 158 como sortilégio, magia e charlatanismo (prática ilegal de medicina), neste caso referente à prática do receituário mediúnico.

Desse modo, enquanto o Espiritismo no Brasil se popularizava e institucionalizava, com sua organização federativa (FEB), seus praticantes equilibravam-se num fio de navalha. Embora respaldados na Constituição como livres em suas crenças, eram perseguidos pela polícia, pelos médicos - apoiados pela religião dominante - como criminosos por suas práticas mediúnicas de receituário, mesmo que homeopático, e por suas curas espirituais, etc.

A assimilação gradativa do Espiritismo, sobretudo no sudeste do país, pelas camadas populares, desde o final do século XIX, tomará um caráter mágico oposto ao estatuto científico difundido nos meios intelectuais. Ortiz (1999) apreende esse processo por uma via de mão dupla por ele denominada de movimento de *embranquecimento* e movimento de *empretecimento*. No primeiro, as crenças afro-brasileiras se impregnam de Espiritismo, no segundo, uma camada de espíritas se apropria das tradições afro-brasileiras. Nos inícios de 1900, já se tornara usual na imprensa e no jargão policial e jurídico a expressão *baixo-espiritismo* para designar misto de práticas mágicas afro-brasileiras com elementos doutrinários espíritas, que também ficaram conhecidas sob a denominação de macumba. Demarcava-se, muitas vezes com o empenho dos espíritas - ditos *kardecistas* ou praticantes do *alto-espiritismo* -, a distância entre “curandeiros” e médiuns.³

3.0 Espiritismo chega ao Ceará

No Ceará, as primeiras experiências com as chamadas “mesas girantes”, são noticiadas na edição de 26 de julho de 1853, no jornal *O Cearense*:

Não é só na Alemanha, França Pernambuco, etc., que se fazem experiências elétrico-magnéticas das tais mesas dançantes – O Sr. José Smith de Vasconcelos [Barão de Vasconcelos] fez, no domingo, uma experiência em sua casa, na presença de muitas pessoas, com mesa redonda, que depois de alguns minutos rodou pelo meio da sala, até que os experimentadores romperam a cadeia!! Neste momento presenciemos várias experiências desta. “Digam lá os sábios da Escritura/Que segredos são estes da Natura” (sic). (Apud WANTUIL, p. 135).

Os “sábios das Escrituras” não demorariam a se manifestar severamente sobre esses fenômenos. Mas antes disso, o jornalista João do Rio, versando sobre o Espiritismo em afamada crônica de 1904, confirmava aquele movimento, como algo tácito: “– Quem começou esta propaganda [do Espiritismo] no Brasil? – Homem, o Sr. Catão da Cunha diz que os primeiros espíritas brasileiros apareceram no Ceará ao mesmo tempo em que na França”. (RIO, 2008, p. 271).

³A proliferação de centros de culto praticando esta síntese religiosa, denominada religião de Umbanda, já nos anos 1920, passa a exigir de seus “intelectuais” um trabalho de legitimação pela adoção da denominação “espírita de umbanda”, seja busca da unidade política em torno de uma estrutura federativa, tal qual o modelo organizacional espírita, seja a sistematização, codificação e racionalização do culto, para sua consolidação como religião brasileira. (Cf. ISAIA, 2006; ISAIA; MANOEL, 2012).

Em 1897, funda-se em Fortaleza o Grupo Espírita Fé e Caridade, destacando-se a atuação de Demétrio de Castro Menezes e Luiz de França de Almeida e Sá. Ao iniciar-se o novo século, surgiram em Maranguape⁴, mais dois grupos: o Grupo Espírita Verdade e Luz (1901), sob a direção de Arthúnio Vieira e sua esposa, a escritora, abolicionista e precursora do movimento feminista no Ceará, Emília de Freitas. Juntos editaram o jornal espírita *Luz e Fé*. Em 1902, nascia, também em Maranguape, o Grupo Espírita Caridade e Luz, que manteve o jornal *Doutrina de Jesus* e a Escola Cristã.

Mas, apesar desses pioneirismos dos primeiros grupos espíritas de Fortaleza e Maranguape, da difusão da doutrina espírita nas academias literárias e Escola Militar do Ceará, na década de 1890, é a partir de 1910, com o retorno a Fortaleza do cearense Manoel Vianna de Carvalho, oficial do Exército, maçom e espírita com larga atuação doutrinária em muitos estados brasileiros, que se faria a divulgação intensa do Espiritismo. (Cf. KLEIN FILHO, 1999, p. 113-151)

Vianna de Carvalho fazia conferências públicas nas lojas maçônicas “Igualdade” e “Liberdade”, nos salões das associações de trabalhadores, com divulgação e reprodução pela imprensa, através da qual convocava para o debate “socialistas, maçons, livres-pensadores, adeptos em geral das ideias modernas”. Funda o jornal maçônico *O Combate* (1910), o jornal espírita *O Lábaro* (1911) e o Centro Espírita Cearense, em 19 de junho de 1910, como delegado da Federação Espírita Brasileira, congregando em sua diretoria importantes nomes da vida social e política da capital, assim composta:

Presidente - desembargador Olympio de Paiva; 1º vice - Demétrio de Castro Menezes; 2º dito - Antônio Carneiro de Souza Azevedo; 1º secretário - Miguel Cunha; 2º dito - dr. José Carlos de Matos de Peixoto; orador - dr. Francisco Prado; 1º tesoureiro - farmacêutico Afonso de Pontes Medeiros; 2º tesoureiro - Teófilo Cordeiro. (A REPÚBLICA. Fortaleza-Ce, 21 Jun.1910).⁵

Os nomes dos componentes das duas primeiras diretorias do Centro Espírita Cearense, e de alguns outros fundadores, são demonstrativos do grau de

⁴Município serrano, distante 27 km da capital. Desmembrou-se de Fortaleza em 1851 e obteve ligação ferroviária em 1875. Por seu progressismo no campo das ideias, sediara em 26 de maio de 1881, o 1º Congresso Abolicionista do Brasil.

⁵ Os jornais *A República*, *Unitário*, *Jornal do Ceará*, *A Tribuna*, *Cruzeiro do Norte*, *Correio da Semana*, *O Bandeirante*, *O Rosário*, que serão citados ao longo deste trabalho, fazem parte do acervo do Núcleo de Microfilmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel (BPMP), de Fortaleza-Ce. O jornal *O Nordeste* consta no acervo da Hemeroteca da mesma BPMP.

inserção do Espiritismo no seio das classes altas e médias, e nos meios profissionais correspondentes. Delas, constam: o desembargador Olympio de Paiva; o escrivão do Superior Tribunal de Justiça do Estado, Antônio Carneiro de Souza Azevedo; o maçom advogado e deputado Francisco Prado; o maçom José Carlos de Matos Peixoto, professor da Faculdade de Direito, magistrado, deputado federal e futuro Presidente do Estado de 1928-1930; o maçom Joaquim Teófilo Cordeiro de Almeida, líder operário e vereador de Fortaleza por várias legislaturas; o maçom e jornalista Rodolfo Ribas, o maçom Theodorico da Costa Barroso, funcionário público, Inspetor de Linhas da Repartição de Telégrafos; Afonso de Pontes Medeiros, farmacêutico e futuro fundador da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, em 1916; e o maçom Álvaro Nunes Weyne, comerciante, líder empresarial.

Ressalte-se, aqui, em primeiro lugar, a presença marcante de maçons nessas diretorias – fato não exclusivo desse período – e o apoio maçônico direto ao “irmão” espírita. A divulgação espírita através da oratória, assentada em sólidas bases doutrinárias aparece no Ceará, de forma pioneira, nas conferências de Vianna de Carvalho pronunciadas nas lojas maçônicas e entidades associativas, como a Fênix Caixeiral, ao longo dos anos de 1910 e 1911, e reproduzidas nos jornais *A República* e *Unitário*.

Na sede da Loja Liberdade deram-se reuniões diversas do Centro Espírita Cearense. Já o salão da Loja Igualdade, fora importante local de difusão espírita através das conferências de Vianna de Carvalho, nesses anos iniciais. Todavia, se por um lado, esse apoio confirmava a conveniência das afinidades entre Maçonaria e Espiritismo no escopo de uma nova configuração espiritualista, por outro lado, servia de reforço ao argumento católico do complô maçônico com as forças satânicas para a “negação cada vez mais geral do Cristianismo”.

Embora não aconselhando qualquer envolvimento das instituições espíritas com a política, o movimento espírita também não opunha obstáculos ideológicos aos seus seguidores. Fato digno de nota nesse terreno é que as atividades de divulgação do espírita realizadas por Viana de Carvalho e do Centro Espírita Cearense, eram divulgadas com o mesmo tom de respeito e euforia pelos redatores dos jornais *A República*, órgão do Partido Republicano Cearense, ligado ao oligarca de Nogueira Accioly, que governou o Ceará entre 1896 e 1912; *Unitário*, do jornalista, político e

maçom João Brígido, e pelo *Jornal do Ceará*, de Waldemiro Cavalcante e Agapito dos Santos. Os dois últimos periódicos faziam acirrada oposição ao primeiro.

Consolidava-se, assim, o espaço da imprensa local não apenas como propício, mas deveras acolhedor da ideia espírita. Nesses jornais, muito frequentes eram as notícias da Maçonaria local, de suas reuniões ordinárias a festividades, algumas vezes com atividade espírita. É o que se pode inferir dessas palavras do redator do *A República*:

No salão da Loja Igualdade, o dr. Vianna de Carvalho fez, sexta-feira passada, a conferência doutrinária instituída pelo Centro Espírita Cearense, no intuito de vulgarizar, quanto possível, *as consoladoras e fecundas verdades tão sabiamente expostas nas obras de Allan Kardec*. (A REPÚBLICA. Fortaleza-Ce, 8 Ago.1910, grifo nosso)

Em agosto de 1910, Vianna de Carvalho dá início a uma série de conferências “refutando os tópicos essenciais dos artigos firmados pelo padre Van Esse, e transcritos do ‘Universo’ pela folha católica [*Cruzeiro do Norte*] desta capital”. Na ocasião, dentre outras coisas, destaca o orador:

O espiritismo marcha com a ciência em todas as fases do seu desenvolvimento. Não admite noções que estejam fora dos processos de verificação rigorosa. A lei da reencarnação está dentro desta possibilidade. Há nos Evangelhos passagens bem claras que a sancionam, irrevogavelmente. Por exemplo, quando os discípulos de Jesus interrogam-no sobre a vinda de Elias e o Mestre lhes responde: - mas eu vos declaro que Elias já veio e eles não o *conheceram* mas o trataram como lhes aprouve. Da mesma natureza é a resposta do Messias a Nicodemos: em verdade, em verdade, eu vos digo: *ninguém pode ver o reino de Deus, senão o que nasce de novo*. Estes dois pontos testemunhando que Jesus pregou a reencarnação foram, por tal forma alterados que se tornaram inteiramente incompreensíveis. Logo, o Espiritismo está de acordo com a doutrina de Jesus, interpretada à luz das novas descobertas científicas e, portanto, sob um ponto de vista inteiramente racional. (A REPÚBLICA. Fortaleza-Ce, 24 Ago.1910). Grifo do autor.

No ano de 1911, o jornal *Unitário* publica uma série de artigos oriundos das conferências de Vianna de Carvalho, em que este demonstrava o duplo caráter do Espiritismo, como revelação divina e ciência experimental, como se vê a seguir.

Pois bem, senhores, nessa hora de vacilações, dúvidas e vertigens, surgiu a Filosofia dos Espíritos, reanimando coragens abatidas, dispensando consolo e esperança aos corações aflitos. Ao contrário de todos os sistemas, que partiram sempre de teorias adstritas ao subjetivismo pessoal de cada pensador, o espiritismo brotou espontaneamente de fatos que, pondo em evidência a comunicação

com o mundo invisível, assentaram ao mesmo tempo a solidez de seus inabaláveis alicerces. Assim o exigiu o experimentalismo científico da época fatigada e exausta de argumentações metafísicas. [...] O Deus do Espiritismo é a Vontade Soberana que cria, a cada instante, astros, Espíritos, nebulosas [...] numa atividade sem par em que se compra sua inteligência; um Deus compassivo, amoroso ao infinito, acessível as nossas preces sinceras, Providência do mundo e Alvo supremo de todas as nossas aspirações. (Apud KLEIN FILHO; CAJAZEIRAS, 1995, p. 28-37).

Embora com pouco crescimento na primeira década do século XX, o Espiritismo experimentaria um substancial crescimento, a partir da década de 1920, com a fundação de centros espíritas, especialmente na capital, Fortaleza, como se pode constatar abaixo no QUADRO I, adaptado para esse período em estudo.

QUADRO I

INSTITUIÇÕES ESPÍRITAS CEARENSES FUNDADAS ENTRE 1897 E 1933*		
INSTITUIÇÃO	FUNDAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Grupo Espírita Fé e Caridade	1897	Fortaleza
Grupo Espírita Verdade e Luz	1901	Maranguape
Grupo Espírita Caridade e Luz	1902	Maranguape
Centro Espírita Cearense	19/06/1910	Fortaleza
Centro Espírita Dr. Dias da Cruz	05/08/1923	Iguatu
Centro Espírita Ismael Caridade e Luz	27/10/1926	Fortaleza
Grupo Espírita Vianna de Carvalho	1926	Fortaleza
Sociedade Espírita Fé, Esperança e Caridade	09/02/1927	Fortaleza
Grupo Espírita Auxiliadores dos Pobres	05/09/1928**	Fortaleza
Grupo Espírita de Caridade Urubatan de Deus	05/12/1928	Fortaleza
Federação Espírita Cearense	17/05/1931	Fortaleza
Centro Espírita Amor e Caridade	16/04/1932	Fortaleza
Liga Espírita Leon Diniz Amor e Fraternidade	14/03/1933	Fortaleza
Grupo Espírita Allan Kardec Amor e Caridade	16/03/1933	Fortaleza
Centro Espírita Bezerra de Menezes	03/10/1933	Fortaleza
Centro Espírita Ao Caminho do Calvário	16/11/1933	Fortaleza

(*) Esta relação não pretende ser completa, tendo em vista que diversas instituições espíritas não tiveram registros em cartório, ou o seu nome registrado, de alguma

forma, na imprensa local. A dificuldade se torna ainda maior em relação ao interior do estado. (**) Data da publicação da notícia no jornal *O Povo*. Adaptado de Silva (2009, p. 328).

A Igreja Católica também se expandia, com a posse do terceiro bispo, D. Manoel da Silva Gomes, em 1912, e transformado arcebispo de Fortaleza, em 1914, com a criação de dioceses nos municípios do Crato (Cariri cearense) e Sobral (zona Norte do estado), ampliando sua atuação junto aos desvalidos (Conferências Vicentinas e Dispensário dos Pobres) e ao operariado (Círculo de Operários Católicos São José, 1915), congregando leigos nas classes médias e altas, e profissionais como médicos e militares, principalmente com o Círculo Católico e a Ação Católica.

4. “O espiritismo é uma fantasia da imaginação”: A exageração seletiva como recurso aniquilador

A postura crítica e condenatória da Igreja Católica ao Espiritismo, mormente através da imprensa, no Ceará, tem seu início em periódicos de orientação explicitamente católica de Fortaleza, como: *O Bandeirante*, “órgão literário, moral e noticioso”, que circulara entre 1910 e 1911, e *O Cruzeiro do Norte*, “hebdomadário católico”, que circulara entre 1908 e 1913.

No interior do estado, destaca-se *O Rosário*, “hebdomadário católico dedicado à propaganda das boas leituras [...]”, da cidade de Aracati, circulando entre 1908 e 1918), e o *Correio da Semana*, da cidade de Sobral, circulando entre 1918-1937). Os católicos também faziam algumas investidas, e polemizavam, em jornais leigos como *A República*, que circulara entre 1910 e 1911.

No entanto, seria o jornal *O Nordeste*, fundado em 1922, com o apoio do arcebispo de Fortaleza, Dom Manuel, que se desenvolveria campanha mais sistemática de mobilização católica por mudanças na orientação laica da legislação republicana, de combate às demais religiões e movimentos filosóficos com alguma proposição alternativa aos dogmas religiosos do catolicismo. Ressalte-se que esse periódico contava com moderno parque gráfico, coeso corpo redatorial de intelectuais leigos e considerável número de anunciantes.

Apresentava-se o Espiritismo, aos olhos católicos, como ameaça deletéria à moral religiosa do povo cearense, como pode ser percebida no artigo “Respeitemos o

Ceará, a Terra da Luz”, do frei Vanderillo Herpierre, enquanto polemiza com o espírita Viana de Carvalho:

Quanto ao veneno da doutrina que pretende intoxicar a nossa fé é sutil e traiçoeiro, o sabemos de sobra pela maneira com que se propina e pelos estragos que causa [...] suporte dificilmente que o campeão do espiritismo, em lugar de ensinar teorias teosóficas mais modernas (falsas também) se contente em espalhar o espiritismo antiquado do pobre Allan Kardec, de quem uma Enciclopédia moderníssima publica que, depois de ter deixado de estar em voga, desde vinte anos na Europa e na América do Norte, emigrou para uns cantos da América do Sul! O Ceará não seria destes cantos! Respeitemos o Ceará, a ‘Terra da Luz’. (A REPÚBLICA. Fortaleza-Ce, 6 Abr.1911 Apud KLEIN FILHO, 1999, p. 98).

Numa contenda em que seu “universo simbólico” se acha teologicamente afetado pela “concorrência”, abriga-se o clero católico nos argumentos das teorias psicológicas e médicas europeias, vinculando diretamente o Espiritismo à loucura. É o caso de “Lux”, pseudônimo de outro opositor católico:

Muito, muitíssimo, se tem dito, ultimamente, em conferências públicas, sobre o espiritismo, porém somente coisas bonitas, figuras e retórica, palanfrórios enfeitados e nada do que se deseja saber, do essencial, enfim, se tem demonstrado [...] Nas estatísticas dos hospícios, o número de loucos, vítimas do espiritismo, é muito maior [...] O catolicismo praticado como se deve, nada tem de nocivo à saúde, traz, ao contrário, lenitivo à alma, bálsamo consolador para os sofrimentos! O espiritismo, de qualquer forma, abala, deprime, enlouquece [...] Não se iludam os homens de bom senso com o fraseado elegante, com as explanações perigosas dos espíritas, pois são emanadas de cérebros doentios [...] As coisas más têm adornos, belezas, atrativos irresistíveis. O espírita nunca adoece, delira, se torna logo um fanático [...] O espiritismo é uma fantasia da imaginação, a crença católica é lâmpada que não se apaga nunca, é fogo que não se extinguirá jamais. (CRUZEIRO DO NORTE. Fortaleza-Ce, 16 Out. 1910. Apud KLEIN FILHO, 1999, p. 97).

Essas manifestações de oposição e clara condenação ao Espiritismo, é certo, teve seu acirramento justamente a partir da atuação do citado Vianna de Carvalho. Alistam-se para o confronto também religiosos estrangeiros, como o citado, mais afinados com as acirradas polêmicas na Europa envolvendo católicos, espíritas e maçons. Esse embate teria maiores desdobramentos na década de 1920, quando o tema Espiritismo ocuparia espaços significativos na imprensa fortalezense, como foi o caso do jornal *A Tribuna*, surgido em 1921. Dos três anos de existência desse periódico, destacamos sua contribuição ao debate do Espiritismo, ao republicar ao longo do ano de 1922, por um período de dois meses, um estudo francês intitulado:

“Os mortos vivem? Grande ‘enquete’ sobre os fenômenos metapsíquicos”, produzido por Paul Heuzé, através de entrevistas a renomados pesquisadores do Espiritismo e da Metapsíquica, na Europa. Logo de início, o autor trata de classificar o número “extraordinário” de espíritas.

Em presença de fatos incompreensíveis como as pancadas, a ação sem contato, a levitação, as aparições, os desdobramentos, a leitura de pensamento, a clarividência, as premonições ou previsões, *espiritismo* era, naturalmente, a primeira explicação a que se deveria recorrer, em nossos dias. Cada vez que o homem não compreende, conclui instintivamente pela intervenção das forças sobrenaturais. [...] Mas há, atualmente, muitos espíritas? Resposta imparcial: sim, e em número extraordinário. São estes espíritas inteiramente fiéis às doutrinas de Allan Kardec? Cumpre distinguir. Muitos espíritas, a maior parte deles e, particularmente, os mundanos, o são à maneira de Allan Kardec, porque não vão pesquisar mais longe, visto como esta explicação lhes basta; não sentem necessidade de precisão científica [...] Ao lado destes devotos, que são infelizmente a grande maioria e que os outros estimariam muitas vezes ver quietos – há os neo-espíritas ou adeptos do espiritismo científico. Estes, pequeno número, aliás, contam em seu seio alguns homens notáveis [...]. (A TRIBUNA. Fortaleza-Ce, 2 Out. 1922).

Heuzé declara sua posição crítica em relação a Allan Kardec, acusando-o de falhar exatamente naquele aspecto que constitui, segundo o codificador do Espiritismo, a base da doutrina dos espíritos, ou seja, seu aspecto científico. Além disso, estabelece a divisão entre espíritas “devotos” e “neo-espíritas”, referenciando uma tendência surgida, dentro do movimento, após a morte de Kardec, e o aparecimento da metapsíquica. Contudo, no ano seguinte, outra será a perspectiva do jornal *O Nordeste*, ligado à Arquidiocese de Fortaleza, ao fazer eco desse trabalho, num editorial intitulado “Os mortos vivem?”. Nele o diário católico assevera: “O espiritismo é completamente estéril para a ciência. Nada de certo nos pode ele fornecer sobre a existência além da tumba”. (O NORDESTE. Fortaleza-Ce, 17 Out. 1922).

Assim, *O Nordeste* procurava formar opinião contrária ao Espiritismo em todos os quadrantes da sociedade cearense, com matérias condenatórias sistemáticas e, em alguns períodos, diariamente. Desenvolvia acirrada campanha antiespírita desde sua fundação, fosse adotando a crítica científica europeia e brasileira, assentada na argumentação médica (patologia), fosse recorrendo argumentos religiosos (feitiçaria, magia, fetichismo). Ou, também, com os clássicos argumentos jurídicos (contravenção penal, fraude, charlatanismo). Nesse último caso, reproduzia,

com frequência, situações sempre ocorridas em outros lugares, como em “Um logro de Espiritismo”, caso de um médium inglês processado por charlatanismo, que teria ludibriado o famoso escritor e espírita Conan Doyle, segundo o jornal católico francês *La Croix*. (O NORDESTE. Fortaleza-Ce, 24 Ago. 1925).

Na linha da condenação à fenomenologia espírita *O Nordeste* publica uma “carta” de leitor - não identificado pelo jornal -, intitulada “O espiritismo e os métodos de o combater”, dirigida à redação, apoiando a veemência do periódico no combate aos “adversários da fé cristã”, e defendendo: “Em ciência, bem o sabeis, nada mais estéril e mais ridículo que o espiritismo. Não sou eu quem o afirma, mas uma autoridade no assunto, o notável doutor Surbled. ” O leitor colaborador prossegue citando a opinião de Gustave Lebon que, após estudar as sessões mediúnicas em Paris, concluía: “O que apenas há de certo no espiritismo e ter abalado milhares de mioleiras que já não estavam muito sólidas. ” E, finalizando, arremata: “A igreja condena formalmente a alucinação espírita. Além disso, as leis penais de todos os povos cultos são acordes em reprimir, pelo menos em teoria, práticas nefastas à moral e à integridade mental do povo. ” (O NORDESTE. Fortaleza-Ce, 17 Nov. 1925).

Note-se que aqui o periódico fazia crer a seus leitores que os espíritas eram pessoas desqualificadas intelectualmente, já mentalmente fragilizadas, omitindo as classes altas e letradas, escritores, políticos - alguns dos quais fundadores da República - e intelectuais de renome no Brasil e no exterior que faziam parte desse movimento religioso. Exagerava-se ao limite o aspecto da prática mediúnica e sua adesão pelas camadas populares que, na maioria das vezes, se originava nas práticas sincréticas das tradições religiosas afro-indígenas com elementos do Espiritismo.

Assim, “com a finalidade de manter a plausibilidade interna do seu grupo ao diminuir a posição e desvalorizar retoricamente a qualidade de uma ideologia adversa. Degradando o ‘eles’ em relação ao ‘nós’” (USARSKI, 2001, 91), o periódico católico apresenta o Espiritismo como ideia ultrapassada, alucinação, adversário da fé cristã, perigo à integridade moral e mental do povo. Essa exageração seletiva procurava firmar no meio católico, como na sociedade mais ampla onde detinha poder de definição social, a imagem do espírita como um adepto de um pensamento desqualificado, digno de aniquilação.

5. “Contra o nefasto espiritismo, agente de loucuras e dissolvente dos bons costumes”: transferindo definições socialmente negativas

Enquanto insistia na tese do Espiritismo como crença decadente e esquecida nos grandes centros do mundo desenvolvido, a imprensa católica empreendia campanha de alerta contra a expansão do mesmo no Brasil. Buscava, na retórica aniquiladora, argumentar para além dos pressupostos teológicos, a relação direta da crença e prática espíritas com distúrbios psicológicos, vícios e condutas sociais e morais reprováveis, constituintes de definições socialmente negativas aos seus portadores.

Sintomáticas são as publicações de textos do médico Soares D’Azevedo - cearense radicado no Rio de Janeiro. Na coluna “Notas Cariocas. Especial para O Nordeste”, o jornal da arquidiocese estampa a matéria “Do espiritismo à loucura”. Relata o correspondente que, quando lia os “magistrais artigos sobre o espiritismo”, publicados nesse jornal, caiu-lhe às mãos um “tremendíssimo telegrama de São Paulo”. Propõe-se a “resumir” o caso do “infeliz operário *obcecado pelo espiritismo*”, da freguesia do Ó, “homem bom e de costumes morigerados. Porém, dando-se à prática do espiritismo, transformou-se completamente, tornando-se um bêbado inveterado e mau chefe de família”. E logo “começou apresentar sinais de alienação mental”, terminando por degolar os dois filhos. “A tragédia é horrenda... Reflitam nela os recentemente iniciados na seita maldita.” (O NORDESTE. Fortaleza-Ce, 15 Mar. 1927, grifo do autor).

Noutra ocasião, *O Nordeste* publica a carta intitulada “A propósito do espiritismo”, de um leitor identificado pelas iniciais “F. T.”, preocupado com o “proselitismo” espírita nas dependências do Colégio Militar de Fortaleza, comparando-o ao processo anterior de difusão do positivismo naqueles meios, no alvorecer da República:

Estamos sofrendo ainda as consequências desse erro imperdoável. E como poderemos de braços cruzados, assistir à invasão do espiritismo, novidade que, em vista de seus processos de infiltração em todas as camadas, torna-se duplamente prejudicial? Se verdadeiro perigo é o espiritismo para os intelectuais, que abismo não será para a mocidade e para os analfabetos? Todavia, a propaganda se faz indistintamente por toda a parte, até nas casas de ensino. [...] Deus queira que, imitando o mestre, alguns discípulos não tentem ensaiar a propaganda espiritista nos Colégios Militares. Contra esse perigo de que estão ameaçados os jovens alunos do nosso Colégio Militar, filhos

de famílias católicas, chamamos a atenção de quem poder providenciar. (O NORDESTE. Fortaleza-Ce, 29 Jan.1925).

Esse paralelo que acaba por traduzir as condições do enraizamento espírita na sociedade cearense, num ambiente de letrados, traz o realce a um perigo social iminente. Note-se o acento na “infiltração” do Espiritismo “em todas as camadas” sociais trazendo, na perspectiva católica, séria ameaça à “mocidade” e aos “analfabetos”. Em suma, uma doutrina letal aos considerados vulneráveis.

Nesse contexto da década de 1920, a produção discursiva prosseguia também com diário católico noticiando “fraudes” e “atribulações” de médiuns, “espiritistas desmascarados”, espiritismo alastrando-se como peste. “O espiritococus” é o nome do artigo do Padre Dubois que, dentre outras coisas, afirma: “A religião sofre também assaltos de micróbios”. O Espiritismo “É doença da moda, que não respeita feios nem bonitos, sábios nem ignorantes”. Ainda, segundo Dubois:

A praga do espiritismo, o espiritococus, entrou sorrateiramente... O espiritococus prostra pessoas predispostas. Atinge, de preferência, anemiados, enlutados, atribulados, vencidos, tarados, desiludidos e orgulhosos. Oferecem maior receptividade os sífilíticos, alcoólicos, nevropatas, abúlicos e histéricos. (O NORDESTE. Fortaleza-Ce, 28 Jan.1925).

Também se divulgavam estudos médicos em série de artigos, como em “O espiritismo e a ciência”, com opiniões de Leonídio Ribeiro, Henrique Roxo, dentre outros, sobre a relação entre Espiritismo e saúde pública. Assim, reproduzem o artigo “Os perigos sociais do espiritismo”, de *O Jornal* - do Rio de Janeiro, de autoria do médico Leonídio Ribeiro. Nele o autor fala dos avanços dos estudos das sociedades médicas sobre o transe mediúnico, que concluem pela total simulação e fraude dos médiuns, mas resolve deixar de lado esse aspecto para tratar de assunto que interessa, sobretudo aos que “cuidam da Saúde Pública e lidam de perto com as questões da saúde mental”, que é “chamar a atenção do grande público para os perigos sociais do chamado espiritismo”. Assim, diz o médico:

pude verificar que, dentre os indivíduos que eram diariamente examinados por suspeita de uma doença mental, (...) em mais de 50% dos casos, a família afirmava terem aparecido os primeiros sintomas de loucura ao se entregarem os pacientes à prática do espiritismo, nos numerosos centros disseminados em todos os cantos da cidade. (O NORDESTE. Fortaleza-Ce, 9 Out. 1927).

No prosseguimento da sua política sistemática de transferências de definições socialmente negativas ao Espiritismo, o diário católico entra nos anos de

1930 registrando notícia, oriunda do Recife, com o título “Espiritismo, fábrica de loucos”, iniciando nos seguintes termos: “Não é somente a voz da fé e da religião, também a da ciência se eleva contra o nefasto Espiritismo agente de loucuras e dissolvente dos bons costumes”. Tratava, então, a referida matéria de uma solicitação do - ressaltado-, “anticatólico” Dr. Ulisses Pernambucano, diretor do Asilo de Alienados daquele estado, junto à polícia “no sentido de reprimir as práticas espíritas, verdadeira exploração da crença popular”. Segundo o jornal, o mesmo teria apurado a entrada de “102 loucos no Asilo, por conta do espiritismo”. E “prosegue o professor Pernambucano”: “Pior do que o álcool, conforme as estatísticas, o Espiritismo tem produzido muito maior número de doentes mentais”. (O NORDESTE. Fortaleza-Ce, 19 Jun. 1933).

Vê-se que as acusações tomam por legítima a “voz” da ciência, mesmo que da parte de um cientista “anti-católico”. Pois, embora o Espiritismo procurasse destacar seu aspecto científico, inclusive com seus desdobramentos experimentais da Metapsíquica; os desenvolvimentos da Medicina e da Psicanalise, de base materialista, sobre neuroses e histerias por sua vez, serviam aos opositores católicos para crítica à prática mediúnica agente principal do “micróbio” espírita.

Ao definir o Espiritismo como uma “fábrica de loucos”, a imprensa católica conferiria a seus adeptos dessa doutrina e suas práticas e a todos os que dele se aproximassem, uma imagem socialmente degradante, como portadores de uma moléstia, como pessoas contaminadas, viciosas ou portadoras de distúrbios morais ou mentais passíveis de interdição, repressão como um risco ao conjunto social.

6. Considerações finais



(O NORDESTE. Fortaleza-Ce, 3 Mar. 1931)

A recomendação acima, estampada no jornal católico *O Nordeste*, aparece pela primeira vez em 3 de março de 1931, repetindo-se em mais quinze edições do

jornal ao longo daquele mês, por vezes compondo com algum artigo condenatório ao Espiritismo.

Essa placa de advertência aos católicos, caprichosamente inserida no corpo do jornal por vários dias demonstra, por outros meios, o sistemático trabalho de política aniquiladora do Espiritismo como salvaguarda do universo simbólico da Igreja Católica e de seu poder de definição social naquele contexto.

O caráter de interdição dessa advertência avança sobre a consciência dos fiéis vedando-lhes a opção de conhecer as “sessões espíritas”, para melhor juízo, ou mesmo a casual e descomprometida curiosidade de conhecer assunto tão severamente tratado por seus sacerdotes.

Não obstante o trabalho seletivo de desqualificação do conhecimento espírita e da imputação de caracteres socialmente negativos e degradantes aos seus praticantes, como largamente apresentadas páginas atrás, as lideranças católicas não descuidavam do uso de sua autoridade para lembrar que o Espiritismo era uma “seita condenada”, arrematando canonicamente uma retórica aniquiladora que percorria com esmero os meandros policiais e médico-sanitários em busca de casos e exemplificações.

Pode-se, portanto, concluir que a insistência do trabalho de oposição ao desenvolvimento do Espiritismo no Ceará, com vistas ao seu aniquilamento, como de resto no Brasil, pelas autoridades e leigos católicos através da imprensa, não se dava por uma fragilidade das condições de sua inserção social, muito ao contrário. A Igreja Católica detinha como fiéis a quase a totalidade da população brasileira, além de extenso patrimônio material e, nas primeiras décadas do século XX, já romanizada e fortalecida institucionalmente, com privilegiada atuação junto aos governos da República e às oligarquias estaduais.

Entretanto, a expansão das ideias espíritas causava-lhes incômodos, haja vista que a adesão de setores letrados, intelectuais e políticos ao Espiritismo, como visto, precisava ser ignorada publicamente, para efeito de luta simbólica, em nome da exageração de sua expansão circunscrita aos meios populares, entre analfabetos, “anemiados, enlutados, atribulados, vencidos, tarados, desiludidos [...] sifilíticos, alcoólicos, nevropatas, abúlicos e histéricos”, considerados vulneráveis a tão deletéria “seita”. Assim, a “retórica da aniquilação”, aqui demonstrada empiricamente, constituiu-se engenhosa - mas não necessariamente vitoriosa - estratégia retórica

católica de combate à difusão da alternativa religiosa espírita frente ao ambiente de concorrência religiosa daquele novo contexto nacional.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Deolindo. **O Espiritismo e as doutrinas espiritualistas**. Rio de Janeiro: CELD, 1992.

BASTIAN, Jean-Pierre (Coord.) **La modernidade religiosa: Europa Latina e América Latina em perspectiva comparada**. México: FCE, 2004.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tradução Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2005.

CASTELLAN, Ivonne. **O Espiritismo**. São Paulo: Difel, 1955.

CASTELLANI, José. **A ação secreta da Maçonaria na política mundial**. 2ª ed., São Paulo: Editora Landmark, 2007.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DOYLE, Artur C. **História do Espiritismo**. Tradução Júlio Abreu Filho. São Paulo: Editora Pensamento, 2005.

GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

ISAIA, Artur César. Catolicismo pré-conciliar e religiões mediúnicas no Brasil: da demonização ao saber médico-psiquiátrico. In: MANOEL, Ivan Ap.; FREITAS, Nainora M. B. de. (Orgs.) **História das Religiões: Desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos**. São Paulo: Paulinas, 2006, p.135-157.

_____. Espiritismo, República e progresso no Brasil. In: HOMEM, Amadeu Carvalho; SILVA, Armando Malheiro da; ISAIA, Artur César (Orgs.) **Progresso e Religião: A república no Brasil e em Portugal 1889-1910**. Imprensa da Universidade de Coimbra: Lisboa; Uberlândia: EDUFU, 2007, p. 285-306.

KARDEC, Allan. O Que é o Espiritismo In: **Obras completas**. Tradução Torrieri Guimarães. São Paulo: Opus Editora, 1985.

_____. **O Evangelho segundo o Espiritismo** Tradução José Herculano Pires. Capivari (SP): Editora EME, [1864] 1996.

KLEIN FILHO, Luciano; CAJAZEIRAS Francisco (Orgs). **Palavras de Vianna de Carvalho**. Fortaleza: Edições FEEC, 1995.

KLEIN FILHO, Luciano. **Vianna de Carvalho, o tribuno de Icó**. Niterói (RJ): Publicações Lachâtre. 1999.

MACHADO, Ubiratam. **Os Intelectuais e o Espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis**. Niterói: Publicações Lachâtre, 1997.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MEDINA, Ceres de C. Reflexões sobre o pensamento de Allan Kardec. **NURES**. Ano 2, n.3, maio/setembro 2006. Disponível em: www.pucsp.br/nures/revista3/3_edicao_allan_kardec.pdf Acesso em: 10/07/2007.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RIO, João do. Espiritismo. In: **As religiões do Rio**. 2ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SILVA, Eliane Moura. **Reflexões teóricas e históricas sobre o espiritualismo entre 1850-1930**. Campinas, Unicamp: 1997. Disponível em:

www.unicamp.br/~elmoura/O%20nos%20S%E9c.%20XIX%20%20XX.doc. Acesso em: 20/07/ 2006.

_____. Entre religião e política: maçons, espíritas, anarquistas e socialistas no Brasil por meio dos jornais A Lanterna e O Livre Pensador (1900-1910). In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (Orgs.) **Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais**. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 87-101.

SILVA, Marcos José Diniz. **Moderno-espiritualismo e espaço público republicano: maçons, espíritas e teosofistas no Ceará**. 343f. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=91634 Acesso em: 02/04/ 2011.

_____. “Que as minorias não sejam espezinhadas em seus direitos”: Igualdade religiosa em debate na imprensa cearense nas décadas de 1920 e 1930. **OPSIS**. Revista do Departamento de História e Ciências Sociais. Catalão-GO, v. 11, n. 2, p. 219-238 - jul-dez 2011. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/13469/10511#.ULNe8-SuSc> Acesso em: 13/10/ 2012.

USARSKI, Frank. A retórica da “aniquilação” – Uma reflexão paradigmática sobre recursos de rejeição a alternativas religiosas. **REVER. Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, Nº1, p.91-111, 2001. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv1_2001/p_usarsk.pdf Acesso em: 10/05/ 2010.

WANTUIL, Zeus. **As Mesas girantes e o Espiritismo**. Brasília (DF): FEB, 1994.

Recebido em Junho de 2015
Aprovado em Agosto de 2015